

PORTFÓLIO

mostre seu trabalho



Mostrar retratos de outras pessoas ajudou Fittipaldi a se aproximar dos sertanejos

Fotos: Felipe Fittipaldi

UM OLHAR PARA A morada do caboclo

POR JULIANA MELGUISO

Documentário do fotógrafo Felipe Fittipaldi retrata personagens solitários no sertão baiano que foram descobertos por acaso

Foi no sertão da Bahia, sob um sol inclemente, que o fotógrafo carioca Felipe Fittipaldi teve o *insight* para um documentário. Ao longo da jornada, viu pessoas solitárias que surgiam quase como uma miragem no meio da caatinga. Quem eram essas pessoas? A pergunta permaneceu durante um bom tempo na cabeça de Fittipaldi, que ao voltar para o Rio de Janeiro

(RJ) começou as pesquisas que culminariam no trabalho denominado *Morada do Caboclo*.

“Essa viagem ao semiárido da Bahia foi no final de 2015 para fazer uma reportagem sobre sítios arqueológicos para a *Veja Rio*, uma das revistas para a qual trabalho, acompanhado da arqueóloga Maria Beltrão. E aquela cena das pessoas no meio do nada me intrigou”, conta. A preparação para voltar ao ser-



O fotógrafo conversava bastante com os personagens para conseguir expressões mais espontâneas

tão baiano durou meses. Em 2016, na companhia do amigo e “assistente” Felipe Brito Araújo, o fotógrafo planejou percorrer a região que visitara e outras então desconhecidas.

Foram três semanas buscando histórias que merecessem ser contadas em diversas cidades do semi-árido baiano, como Jacobina, Xique-Xique, Irecê, Barra, entre outras. O que Fittipaldi descobriu é que aquelas pessoas haviam escolhido viver sozinhas. Um dos motivos mais comuns é que a nova geração de sertanejos, por falta de oportunidades para jovens na região, parte para áreas urbanas com mais densidade populacional para estudar ou trabalhar. Incapazes de se incorporarem à modernidade, os mais velhos permanecem no sertão, muitos solitários, e se tornam os derradeiros representantes de uma cultura que pode desaparecer no futuro.

“Quem vive numa cidade pen-



sa que quando o celular não toca é porque se está sozinho. Já essas pessoas estão lá, muitas vezes sem eletricidade, sem nenhum conforto, completamente isoladas, e sabem lidar com isso de uma forma muito natural”, afirma Fittipaldi. Em uma dessas viagens pela região, o fotó-

grafo conta que encontrou um senhor, Severino, que mesmo tendo nove filhos (e todos já haviam migrado para cidades próximas ou para outros Estados) preferia se manter no isolamento.

Ao descobrir as histórias, o fotógrafo também percebia a alegria



Fotos: Felipe Fittipaldi

A solidão por opção foi um comportamento comum que o fotógrafo encontrou nas suas andanças pela região semiárida da Bahia

das pessoas por encontrar alguém interessado em suas vidas. Como forma de interagir com eles, Fittipaldi resolveu levar diversas fotos que havia feito no Brasil e no exterior como uma forma de deixar um retrato em troca de outro. “Eles ficaram muito impressionados e emocionados em ver aquilo, era uma forma de quebrar a relação entre fotógrafo e fotografado, o que funcionava muito bem”, explica.

Mais acostumado ao fotojorna-

lismo, Fittipaldi enxerga esse trabalho como um documentário com viés antropológico. A relação com o retratado, de certa forma “embrutecido”, seja por conta da seca ou das condições de vida e trabalho, deve ser a mais próxima e respeitosa possível. “No fotojornalismo tradicional, você chega e a situação está acontecendo ou prestes a ocorrer. Você precisa intervir para fotografar. Nesse tipo de documentário, a coisa é construída aos poucos, com con-

versa e respeito ao personagem”, ensina Fittipaldi, que, após se apresentar, conversava sobre diversos aspectos da vida do retratado.

Foram cerca de 5 mil km de estrada de terra procurando personagens. A cada estrada de terra, o fotógrafo conta que, ao se interessar pela vida das pessoas, elas depositavam um mínimo de confiança nele para serem retratadas. “A ideia de mostrar esse universo é sugerir aquela realidade para os outros. Queria que as pessoas se perguntassem quem são aqueles personagens que estão na foto, por que viviam naquela situação, e que se questionassem principalmente sobre o que viam”, afirma.

AMOR PELA FOTOGRAFIA

A paixão pela fotografia começou quando Fittipaldi ganhou do avô uma Nikon FM2, e logo depois, aos 17 anos, foi participar de um in-



Muitos sertanejos solitários encontram nos animais a melhor companhia no cotidiano

**O êxodo das novas
gerações para as
cidades faz com
que os mais velhos
permaneçam
trabalhando no campo**

tercâmbio nos Estados Unidos. Lá, ele se dedicou ao laboratório de fotografia da escola e não parou mais de clicar. O fotógrafo acredita que a revolução nos meios de comunicação trouxe inúmeras possibilidades para a área. Mas, ao mesmo tempo, sente que cada vez mais a imagem é banalizada até dentro de seu próprio meio, principalmente pela facilidade de publicá-las no meio digital. “No documentário *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho, o diretor Wim Wenders diz que é difícil ver imagens que trazem uma reflexão nos tempos atuais e que a fotografia pode perder um pouco da sua força transformadora. Não quero perder essa ferramenta de transformação no meu trabalho”, comenta.

Em 2017, a série do fotógrafo, que também é formado em Jornalismo pela PUC-Rio, começou a ter destaque em premiações. *Morada do Caboclo* foi selecionada no Magnum Caravan Brazil, workshop organizado pela mais renomada agência de fotografia do mundo; ficou em 3º lugar na categoria Daily Life no PoyLatam, maior concurso de fotografia documental da América Latina; no concurso da Life Farmer, uma das curadoras do MoMA escolheu uma das imagens do ensaio para fazer parte da exposição em cidades como Nova York, Paris, Roma e Tóquio; no LensCulture Emerging Talent, fará parte de uma exposição coletiva e de um livro da organização; e no Portfólio em Foco, do festival Paraty em Foco, ficou na segunda colocação.

Visto como um documentarista de talento, Felipe Fittipaldi diz que novos horizontes estão sendo abertos para a série nos próximos anos. O plano é botar o pé na estrada de novo, dessa vez indo para



a zona semiárida de Pernambuco, Sergipe e Alagoas em busca de novos personagens e histórias.

Atualmente, ele também está trabalhando em outros dois projetos autorais de longo prazo. O primeiro sobre erosão marítima em Atafona, distrito de São João da Barra (RJ), considerado o maior caso desse tipo no Brasil. O segun-

do é pautado na nova leva de imigrantes senegaleses que têm chegado ao Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. 🌐

Para participar desta seção, envie no máximo dez fotos do seu portfólio, em baixa resolução, para o e-mail: fotografe@europenet.com.br. Serão publicados somente os que forem selecionados pela redação, um portfólio a cada edição.